



A atriz francesa Monna Delza

N.º 315 Lisboa, 4 de Março de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E ESPANHA:

Ano, 48800—Semestre, 25400—Trimestre, 12800

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Diretor e Proprietário: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Compo-
sição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 43



Nervos tranquilos,

sangue puro e são, digestões facéis, e grande appetite, são os mais importantes factores para que existam a alegria de viver, o gosto de trabalhar, a força de vontade e a energia.

Quando faltam, tudo nos aborrece, vão-se as forças e a energia e estamos descontentes com tudo e com todos.

É N'ESTES CASOS PRECISAMENTE QUE A SOMATOSE LIQUIDA É UM REMEDIO DO MAIS ALTO VALOR.

porque faculta ao organismo estenuado as albuminosas, uma das phases da digestão dos al-

buminoides, que estimulam grandemente o appetite, melhoram a digestão e a nutrição geral do organismo, e produzem sangue novo em abundancia.

Os maravilhosos efeitos que se observam no estado geral do systema nervoso, seriam incompreensíveis se se não desse na realidade esta melhora de nutrição. Ao mesmo tempo constata-se: o desenvolvimento do appetite, o gosto de trabalhar, e enfim a tão desejada alegria de viver.

Deve pois, sem a menor duvida, ser considerada a SOMATOSE LIQUIDA como um tonico insuperavel em todos os mais variados casos de debilidade.



Somatose líquida



A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

A Telegrafia sem fios em Portugal



A telegrafia sem fios vai ser estabelecida em Portugal. Foi, emfim, satisfeita essa justa reclamação geral. Ha dias, o governo fechou contrato com a casa Marconi para o estabelecimento de postos de telegrafia sem fios em Lisboa, Porto, Funchal, S. Vicente de Cabo Verde e S. Miguel. Fomos o ultimo paiz europeu a adotar este sistema de telegrafia, o que não quer dizer que não venhamos a ser, porventura, aquele que mais aproveite com o maravilhoso invento de Marconi. Com um vastissimo dominio colonial prestes a entrar n'uma nova fase de vida, com portos concorridos por navios mercantes de todas as nações europeas, de um trafego comercial de relativa importancia que, felizmente, tende a desenvolver-se por forma consideravel, ocioso é encarecer as enormes vantagens da adoção do sistema Marconi.



Foi em 1896 que o engenheiro italiano fez a maravilhosa descoberta, baseada sobre duas outras, uma do alemão Hertz, outra do francez Branly. Só a 17 de abril de 1901 se realisou em Portugal a primeira experiencia, expedindo-se um telegrama do forte do Alto do Duque para o da Raposeira, com material adquirido pelo regimento de engenharia. E por aí ficarmos, na forma do deploravel costume, se a nossa marinha de guerra não chamasse a si o encargo de manter esse sistema em alguns dos seus navios.

A telegrafia sem fios tem por base a teoria das ondulações electricas, cuja paternidade, como é sabido, não pertence a Marconi. Todos conhecem do estudo da fisica a unificação das teorias de tantos dos seus fenomenos, e a muitos naturalmente, embora incompetentes para lhes achar a formula ou a demonstração, ocorreria a explicação dos fenomenos electricos por uma teoria analoga á dos outros. Essa demonstração, que afinal, como tantas outras, tem quasi a simplicidade do ovo de Colombo, foi feita pelo fisico alemão Hertz, produzindo descargas electricas em um oscilador, n'um recinto percorrido por um instrumento simples que analogamente ao da acustica chamava *resoador*, e verificando assim pela produção de faiscas no resoador, nas suas diferentes posições, como as descargas electricas se propagavam nas ondas.

Uma outra descoberta ajudou Marconi a completar a sua grandiosa invenção. Essa pertence tambem aos latinos; é de Branly, professor francez, o qual em 1890 descobriu que as limalhas metalicas opunham resistencia á passagem de correntes electricas continuas, tornando-se a sua condutibilidade muito grande quando incidindo sobre elas a descarga de um oscilador.

A descoberta de



1—A bordo do «Vasco da Gama», recebendo um marconigrãma
2—A bordo do «Vasco da Gama», transmitindo um marconigrãma
3—Um aspeto da faina a bordo do «Vasco da Gama»

Hertz oferecia a Marconi a expedição na telegrafia sem fios; a descoberta de Branly abria-lhe o campo para a sua recção.

Em 1896 Marconi obtinha em Londres as suas primeiras vitórias; e no mesmo ano, em Bolonha, fazia transmittir a 2:400 metros de distancia; em 1897 fazia



comunicações para navios a 16 kilometros da costa italiana; em 1898 comunicava de duas estações a 23 kilometros, a 50 kilometros em 1899, a 167 em 1900, a 300 em 1901, a 1580 em 1902. Finalmente, em janeiro de 1903 passavam os primeiros marconigramas através do Oceano Atlantico.

Um outro problema, porém, se tem apresentado até hoje sem solução aos esforços dos homens de ciencia, que é o da sintonisação. A sintonisação pretende tornar as co-



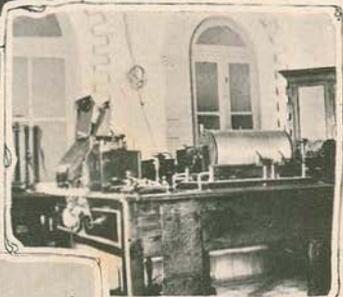
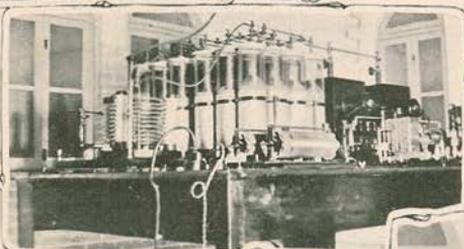
1—O primitivo posto e primeira antena da Escola de Torpedos
2—Aspetto exterior da Escola de Torpedos em Vale de Zebro

municacões entre dois pontos exclusivamente d'elles.

Lá chegaremos e naturalmente em breve.

Uma comunicação que se dirija para determinado ponto vae tambem parar a muitos outros. Calculem-se as surpresas, as revelações que as ondas electricas nos trazem nas suas correrias vertiginosas.

Calcule-se a quantidade e quantidade de te-



3—O posto transmissor da Escola de Torpedos
4—Posto receptor da Escola de Torpedos
5—A actual antena da Escola de Torpedos

legramas que se crusam no ar, de segredos que se descobrem, de factos graves que podem chegar primeiro ao conhecimento d'aqueles de quem exactamente se queriam occultar.





1—O tenente sr. Branco Gentil
 2—Puxando os fios do «antena», cuja função é concentrar as ondulações elétricas e propagal-as à atmosfera
 3—A bordo do «Vasco da Gama». Escrevendo o marconigramma
 4—O 2.º marinheiro Manuel d'Oliveira Castro, que comunicou com o «Rugia», a distancia de 2.180 kilometros.

Dos incalculáveis benefícios da telegrafia sem fios o maior é, sem duvida, o auxilio prestado em naufragios. Quem diria ainda ha pouco que do meio do mar, pavorosamente isolados, podiamos fazer ouvir a milhares de kilometros de distancia um brado angustioso de socorro, o ultimo *adeus*, ao sermos engulidos pelas ondas?

É fabuloso o numero de creaturas arrancadas á morte pelo maravilhoso invento do engenheiro italiano. Ainda não esqueceu o salvamento de 770 vidas a bordo do *République*, abalroado e afundado ao largo do farol de Nantuket em virtude d'um densissimo nevoeiro e mais tarde muitas centenas de passageiros do *Slavonia*, perdido nos rochedos dos Açores. Quantos milhares de vidas se não salvaram em 1911?

O commercio, as industrias, as companhias de seguros, a navegação, os proprios particulares são beneficiados pela telegrafia sem fios.

Entre nós existem á data aparelhos de telegrafia sem fios nos se-



guintes navios de guerra: *Vasco da Gama*; *Almirante Reis* e *S. Gabriel*

Ha um posto na cidade de Cascaes, dois postos de instrução para a marinha, um na Escola de Torpedos de Vale de Zebro, ao sul do Tejo, e outro no edificio da Escola Naval.

O posto da Escola de Torpedos é, graças ao respectivo instrutor, sr. 1.º tenente Antonio Soares Branco Gentil, um pequeno e estabelecimento modelar. O distintissimo official dedica o maior zelo ao ensino. E a prova d'esse zelo e da sua proficiencia está na precisão com que os alunos desempenham as suas funções.

Na *Vasco da Gama*, que visitámos expressamente para colher impressões do funcionamento da telegrafia sem fios, recebemos a mais grata das impressões. Operava ali o 2.º marinheiro n.º 5347, Manuel de Oliveira e Castro, moço intelligente e de uma grande vivacidade, que foi incansavel em prodigalizar atenções ao representante da *Illustração Portuguesa* e fornecer-lhe elementos para este artigo. Castro, que é um dos mais distintos telegra-

fistas da marinha, bateu o *record* da distancia, pois communicou do seu navio surto no Tejo com o vapor alemão *Rugia*, da *Hamburg America Line*, a mil duzentas e trinta milhas. Não se imagina o orgulho—e bem legitimo!—com que o brioso rapaz narra esta façanha, digna de registo e louvor. A sua obsessão é a telegrafia sem fios. Fala pelos cotovelos, como se costuma dizer. Para o satisfazer na sua aspiração seria necessario estabelecer um posto em cada cabeça, morro ou rochedo que se alteiam por essas costas portuguezas. Lamenta que no serviço da telegrafia sem fios se empreguem apenas 12 marinheiros: 3 no *Vasco da Gama*, 2 no *S. Gabriel*, 3 no *Almirante*



1—A casa da telegrafia a bordo do «Vasco da Gama» 2—Porta da casa da balança d'onde saem os fios 3—Os mastros onde se ligam os «autenas» (filiches de Benoitel)

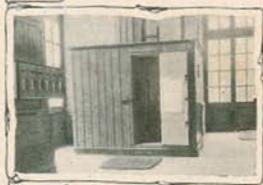
Reis, 2 no Arsenal de Mari-
nha e 2 em Vale de Zebro.

A transmissão de despachos pela telegrafia sem fios faz-se exactamente como pelo aparelho do telegrafo Morse, de todos conhecido. A recepção faz-se com o auxilio de auscultadores, que o operador conserva fixos, traduzindo por escrito o que vae ouvindo. A precisão das duas operações é absoluta. Enquanto o photographo da *Ilustração*

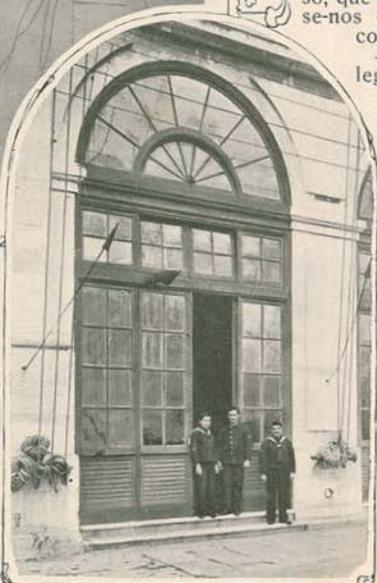
Portuguesa reproduzia varios aspectos para melhor idéa se fazer do serviço da telegrafia sem fios, travámos conhecimento com um telegrafista da marinha mercante, nosso compatriota, ao serviço de uma companhia alemã. Este rapaz, que foi procurar fortuna no Brazil, d'onde passou á Argentina, dedicou-se á telegrafia sem fios e com tal vontade, que conseguiu contrato muito vantajoso na empresa a cujo serviço se encontra. Os alemães, diz-nos ele, teem este serviço magnificamente montado em todos os seus paquetes. E não se calcula o rendimento que a telegrafia sem fios dá. Atualmente ela é muito utilizada. O serviço a bordo d'esses paquetes é por vezes excessivo para dois empregados que se revesam. Basta dizer que em qualquer d'esses navios é recebido um serviço telegrafico noticioso igual ao de qualquer grande diario francez.

Os marconigramas são afixados n'um grande quadro e em muitos navios distribuídos por copias aos passageiros que tomam a sua assinatura por viagem.

O numero de despachos particulares recebido a bordo é tam-



Cabine de telegrafia da casa da balança



bem consideravel. São os passageiros de primeira classe, é claro, que dão o grande contingente para essa recepção: os homens da finança, do alto comercio, industriaes, politicos... O sr. Clemenceau, quando em viagem para a America do Sul dava, ele só, que fazer a um homem! disse-nos o nosso interlocutor, E continuou, sorrindo:

—Até se namora pela telegrafia sem fios, veja o senhor...

E' como lhe digo. Olhe, d'uma vez, havia a bordo uma senhora ingleza formosissima: um amor de mulher! Todos lhe faziam a côrte, todos á porfia se disputavam o primeiro logar junto d'ela. Eram galanterias sobre galanterias, qual lhe havia de chegar primeiro o banquinho de lona, uma chicara de chá, apanhar o leque caído...

Uma bela tarde recebo eu para a formosa dama este despacho: «Penso em ti.»

Fechei o telegrama e fui pessoalmente entregar-lh'o. A formosa leu, e erguendo os lindos olhos para mim perguntou-me se eu sabia o que ele continha. Respondi afirmativamente, sorrindo da ingenuidade e ela retirou-se de olhos baixos, mais linda com o seu rubor na face.



O NAUFRAGIO DA "FARO"



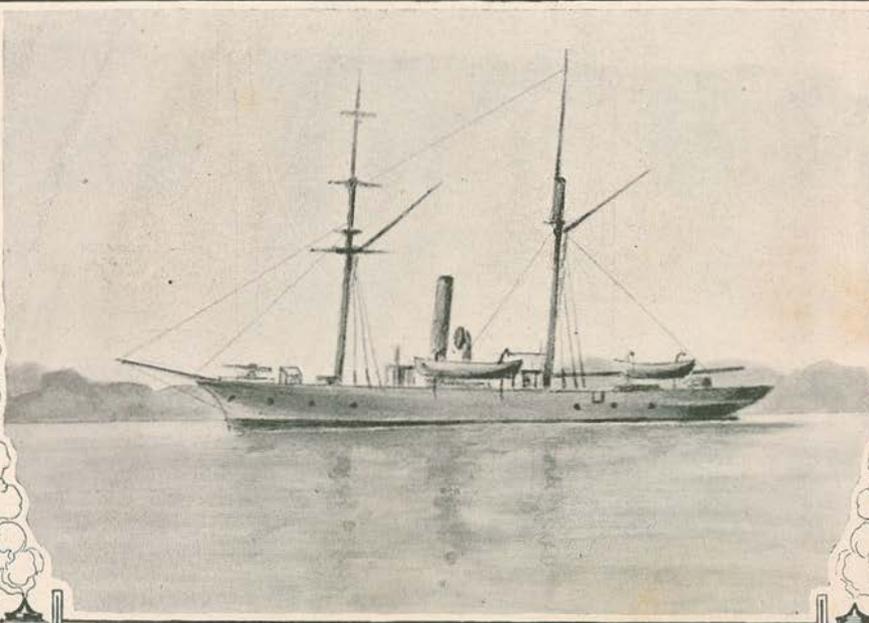
Mais um lutooso acontecimento se deu na marinha portugueza tão cheia de heróicas tradições e ultimamente tão provada pelo destino! Ha mezes o S. *Rafael* naufragou nos cachopos de Vila do Conde, ficando nas aguas duas victimas; agora foi a canhoneira *Faro*, da fiscalisação do Al-



garve, que se perdeu ao ser abalroada pelo vapor *Josefina*, da praça de Lagos e pertencente ao sr. Correia Cruz.

A *Faro* sofreu um rude embate; a sua tripulação portou-se heroicamente no momento do perigo, mostrando por todos os modos a sua dedicação e na lista dos marinheiros, victimas do seu dever, ficaram o comandante do navio, 1.º tenente Metzner e immediato Guimarães Marques, o maquinista Francisco Maria e mais dois tripulantes que pereceram no naufragio.

Quando se conheceu a noticia d'este acontecimento tão desolador a impressão foi enorme, sentindo-se bem como a alma portugueza acompanhou o luto que mais uma vez veiu cobrir a nossa marinha de guerra.



1—Sr. Augusto Henrique Metzner, comandante da canhoneira «Faro» vitima do naufragio
2—Sr. Carlos Primo Guimarães Marques, immediato da canhoneira «Faro» vitima do naufragio
3—A canhoneira «Faro» (Clichés de Benolle)



FIGURAS E FACTOS



Novo governador civil.

—O dr. Eusebio Leão, que exercia o cargo de governador civil de Lisboa desde a proclamação da Republica, foi nomeado ministro de Portugal junto ao Quirinal, devendo partir brevemente para Italia. O novo governador civil é o sr. dr. Manuel Nunes d'Oliveira, que é um medico distinto, e tomou posse do seu cargo em 26 de fevereiro.



Fernão Boto Machado.

—O novo consul de Portugal no Rio de Janeiro f. j. um devotado propagandista das idéas republicanas, distinguindo-se pela sua colaboração nos jornaes do partido republicano, especialmente

na Vanguarda, onde fez uma campanha violenta contra a policia administrativa.



2—Dr. Solano d'Abreu iniciador do monumento a Tabor.Já (Cliches de Benoitel)



1—A posse do novo governador civil de Lisboa dr. Nunes d'Oliveira, dada pelo sr. dr. Euzébio Leão
3—O monumento ao ator Taborjá recentemente inaugurado em Abrantes
5 e 6—Aspectos do desalio de «foot-ball» entre o Sport Club Lisboa Remitica e o Internacional Club



4—Fernão Boto Machado, novo consul de Portugal no Rio de Janeiro



FIGURAS E FACTOS

Mendonça Cortez.—Faleceu em Paris, em 24 de fevereiro, o sr. Mendonça Cortez, que foi par do reino, conselheiro e ministro da justiça do antigo regimen. Lent: da Universidade de Coimbra, era um

homem de talento, erudito e sabio, que deixa alguns volumes publicados, nos quaes se revela o seu valor. Ha anos fôra envolvido n'um processo, que o inutilizou para a vida politica, apesar de unanimemente a Camara dos Pares o ter absolvido.



Dr. Mendonça Cortez, falecido em Paris no dia 24 de fevereiro



O Julgamento do réu Paulino Marques, prior d'Alcantara no tribunal do distrito acusado de ter a egreja aberta fóra das horas destinadas ao culto



1—A pedreira do «Francez» em Alcantara que se desmoronou soterrando o seu proprietario
2—A viuva Ana Dellina dos Santos (Cliches de Benolle)



No Centro Democrático de Santa Izabel: Os alunos

Centro Escolar de Santa Izabel.—Em 25 de fevereiro realisou-se uma festa escolar no Centro de Santa Izabel, sendo distribuidos premios aos alunos que mais se distinguiram durante o ano. Diversos oradores enalteceram a obra da Republica que, com a sua propaganda, bastante contribuiu para a instrução, uma das bases do futuro da nacionalidade.



Em Torres Vedras: Parodia carnavalesca «Invasão dos Paivantes» O exercito afugentado pelo «Ze Povinho», que lhe atria uma bomba de 5 kilos

OS CADAVERES DOS ÚLTIMOS IMPERADORES DO BRAZIL VÃO SER TRASLADADOS PARA O RIO DE JANEIRO?!



tu, em S. Vicente de Fóra, as jazidas de D. Pedro II e da imperatriz, e, reverente, descoberto, diante d'esses caixões, disse, referindo-se ao imperador: Foi um bom brasileiro.

E como foi um bom brasileiro a sua patria ergue-lhe uma estatua e no parlamento propõe a trasladação da sua ossada e a da sua companheira estremeçada, n'uma gran-

No parlamento brasileiro, fez-se uma proposta, que se espera entrar dentro em pouco em discussão, para a trasladação dos ossos dos ultimos imperadores do Brazil para o paiz onde reinaram. O barão de Rio Branco, ha pouco falecido, foi um dos apologistas d'essa homenagem aos soberanos que, longe do Brazil, nunca deixaram de se interessar pela sua vida e pela sua prosperidade com um mixto de amargura e de saudade. O ex-presidente da Republica Nilo Peçanha visi-



1—D. Pedro II 2—O caixão do imperador D. Pedro II em S. Vicente de Fóra 3—A antiga familia Imperial do Brazil, D. Pedro II, a imperatriz, os condes de Eu, e seus filhos o príncipe Pedro de Saxe-Coburgo quando expulsos do Brazil 4—O caixão da Imperatriz do Brazil em S. Vicente de Fóra—(Glichés de Benoliel) 5—A imperatriz do Brazil

de lição de bondade para outros povos, como o exemplo do imperador é um exemplo para outros soberanos. Pela vontade da nação saiu da sua patria e de longe jámais tentou contra ela, antes a amou mais profundamente, antes mais carinhosamente seguiu a sua marcha e lhe desejou um bom futuro.

Brazileiro antes de imperador, patriota antes de soberano, ele foi um homem d'uma grande cultura e d'uma extrema honestidade.

Os Bailados Russos

Recentemente, a *troupe* de dançarinos russos, que percorre a Europa, desde ha alguns anos, festejada com entusiasmo em toda a parte, apresentou-se em tres recitas de gala ao publico da Opera de Paris. Fora da sua *sai-*



son anual, já hoje obrigada, no Châtelet, os admiraveis artistas permitiram ao parisiense mais esse inesperado enseo de os aplaudir.

Os bailados russos estão hoje definitivamente consagrados em França. Parece-me por isso oportuno dizer, embora mal, o que eles são a um publico que não teve ainda, nem tão cedo terá por certo, a fortuna de os vêr.

Existem na Russia dois grupos coreograficos de maior importancia em numero e em qualidade: são o do Teatro Imperial de S. Petersburgo e o do Grande Teatro de Moscow. Cada um d'elles se compõe, aproximadamente, de 100 dançarinas e 80 danzadores. Para fazer parte do corpo de baile dos teatros imperiaes, rapazes e raparigas



1—Sefrá Freodorowa na «Cleopatra»
2—Mademoisele Tchernycheva
3—Sr. Bolm no «Prince Igor»
4—Mademoisele Vassilieva

os seus sucessos ou as suas proteções, aos trinta e cinco anos é-lhes imposta a reforma, com uma pensão anual de cerca de seiscentos mil réis.

Graças a uma regulamentação de tal modo severa, esses corpos de baile são modelares de homogeneidade. N'eles não ha, como nos italianos ou mesmo em quasi todos francezes, uma ou duas *estrelas* brilhando n'uma apagada cõrte de astros minimos. E n'isso consiste, em grande parte, a razão do seu exito.

Os bailados russos não teem, como os de Isadora Duncan e da sua escola, isso que, não sei se rigorosamente será licito chamar — psicologia. Nos da americana ha, por assim dizer, qualquer coisa dentro: a sua fôrma aparece-nos de maneira a despertar em nós uma





nomeno o povo vê um mau presagio. Igôr deixa o poder a sua mulher laroslavna que ele confia á guarda do cunhado, o libertino Galitsky; e leva consigo seu filho: Wladimir. Mal Igôr tem partido, Galitsky começa conspirando contra ele. Para mais, Igôr e o filho são batidos pelos Polovtsi e feitos prisioneiros do khan Kotschak. Ora o khan tem uma filha de rara beleza, pela qual Wladimir não tarda em apaixonar-se. Ela cor

responde aos galanteios do principe e,



1—Uma cena do «Espetro da Rosa» 2—Outra cena do «Espetro da Rosa» 3—Tamar Kassavina 4—Negre na «Schéhérazade» 5—Nijinsky na «Schéhérazade».

emoção, uma emoção toda íntima, de dôr ou de prazer. Nos russos a forma é tu to. A sua opulência deslumbra-nos, a sua côr fascina-nos, a sua graça encanta-nos. As dansas do *Príncipe Igôr*, por exemplo, arrebatam-nos pela beleza da musica, pela vivacidade, pelo ardôr do movimento: são qualquer coisa de grande. O *Príncipe Igôr* é uma opera composta por Borodine, sobre um libreto de Wladimir Stassow. O assunto foi colhido na historia das lutas empreendidas no seculo XII por Igôr, principe de Novgorod Seversk contra os Polovtsi. O principe deixa a cidade de Pontiol, caminho do combate. Produz-se então um eclipse do sol e nesse fe-



poema de Gauthier a musica da *Invitation à la Valse*, de Weber, orquestrada por Berlioz.

Um outro drama dançado de M. M. Bakst e Fokine, o decoradôr e o mestre de baile admiráveis é *Schéhérazade*.

A musica, poderosa e bella é do russo Rimsky.



emquanto os dois afinam o duo classico, Igôr aparece preocupado com a ideia do presagio, que nunca o abandona Kotschak, porém, é generoso e, admirando o valor provado do seu prisioneiro, procura distrai-lo, organizando em sua honra uma festa brilhante com coros e com dansas. Foram essas dansas que a *troupe* russa nos deu na Opera.

Outro bailado—*O Espetro da Rosa*—tem um assunto extremamente simples. N'uma antecamara azul e branca entra, d' regresso d'um baile, uma rapariga que, vencida pelo cansaço, adormece sobre uma poltrona. A rosa que ela trouxera sobre o seio e que conserva nas mãos, transforma-se durante o seu sono n'uma personagem misteriosa que envolve a gentil moça de caricias e desaparece pela janela ao romper da madrugada. Acompanha essa fantasia coreografica, inspirada n'um



Korsakov. O nome do drama é o d'aquella favorita das *Mil e uma noites*, que inventava as famosas novelas para entreter o sultão seu senhor.

Aproveitando a ausencia do soberano, que partira para a caça, as escravas do seu harem conseguem do eunuco-mór que lhes abra umas misteriosas portas de onde negros, vestidos de cobre e de prata saem, caindo nos braços d'elas. Um negro aparece, por fim, suntuosamente vestido d'ouro. E' aquele que a favorita ama. A meio da orgia, o monarca surpreende-os. Os negros e as escravas são massacrados: a sultana morre d'angustia aos pés do seu senhor. Os trajos, o cenário, os movimentos, a musica, tudo n'esta dama nos dá uma intensa, uma inedita impressão de maravilha. Eu não saberia dizer-lhes o que isso é de côr, de sensualidade, de morbidez estonteante, de luxuria estranha. E' a obra-prima d'um fantasista de genio que vivem por um momento os nossos olhos encantados.

Mas debaixo de tudo isso—na *Schéhérazade*, no *Espetro*, no mesmo *Principe Igôr* ou ainda no *Carnaval* de Shumann, como nos outros—o que ha, no fim de contas? Um drama? Sim, mas que não interessa. O que lá existe e que, por si só, garante um exito seguro, são



1—Miguel Fokine
2—Tamar Karsavina
3—Waslaw Nijinsky

lindos e ageis corpos de raparigas e de efebos: ainda e sempre a fôrma, razão de tudo, dominando tudo.

Eu não posso falar agora especialmente de cada um dos primeiros artistas d'essa *troupe* admiravel. D'ela, de resto, fizeram ou fazem ainda parte grandes artistas que não a pareceram na serie limitadissima das representa-

ções da Opera. Entre os que parece terem-n'a abandonado é impossivel esquecer Ida Rubinstein que foi na epoca passada a creadora da peça de d'Annunzio *Martirio de S. Sebastião*. Mas dois nomes ha que estas recentes representações mais uma vez puzeram em destaque e aos quaes seria imperdoavel não consagrar uma menção especial: os de Nijinsky e o de Tamar Karsavina.

Nijinsky é um artista prodigioso. Belo, d'uma beleza classica, de estatuaria, com uma musculatura que se diria copiada nas galerias d'um museu antigo, a graça d'um adolescente, a agilidade esvelta e dutil d'um discobolo... Esse homem dansa maravilhosamente, por vezes vôa, por vezes perde-se no ar e, em todos os seus gestos ha qualquer coisa de melodia e harmonia que afasta do nosso espirito todo o confronto com os acrobatismos do ginasta vulgar.

Mr. Louis Schneider evocou algures, a proposito de Tamar Karsavina os versos de Mèry á Tagliioni:

... Légère vision aux contours éclatants.
Qui sur un fond d'azur se glisse dans l'espace,
Fantôme aérien qui nous séduit e passe
Comme un doux songe de printemps

A evocação é preciosa, o *simile* é perfeito. Se essa rapariga não tem o genio coreografico d'um Nijinsky, tem o encan-

to do seu sexo, espiritualizado em linhas puras, n'uma figurinha de Tanagra, deliciosa de graça e de expressão.

Não ha muito, madame Judith Gauthier contou, n'um artigo interessante, um episodio curioso que até então, ao que supponho, não fôra divulgado:

«O ano passado—disse a ilustre escritora—depois da gloriosa temporada dos artistas russos na Opera de Paris, um grupo de admiradores agradecidos decidiu convidar toda a *troupe* para um local escolhido onde lhe seria oferecido com toda a cordealidade possivel uma ceia de despedida. A ideia foi acolhida com alegria e as adesões afluíram. Fixou-se o dia e escolheu-se para a festa um dos mais maravilhosos hotéis de Paris. As mezas estavam dispostas de maneira a facilitar a formação de grupos simpaticos e desde cedo os autos e as equipagens acumulavam-se ás portas.

«Raramente se terá visto uma tão escolhida assembléa: á meza d'honra, presidida pela condessa Greffulhe estavam marcados os logares do sub-secretario d'Estado das Bellas-Artes, da princeza Lucien Murat, de Gabriel d'Annunzio, do duque de Rohan, de Mr. Deutsch de la Meurthe, etc. Todos vieram, as mãos estendidas, o sorriso nos lábios.

«Mas, coisa inesperada e desconcertante, só os russos não apareceram!

«Porquê? Acaso eles desdenhavam a honra que se tinha querido conceder-lhes, ou pouco se importavam com ela? De nenhum modo! O diretor da empresa, bem como Fokine e Nijinsky estavam lá para apresentar, em nome de todos os outros, as desculpas e os pezares. Então porquê? A explicação foi embaraçosa e difficil de comprehender: os *dilettanti* francezes faziam, ao que parece, uma ideia muito falsa

do que podiam

ser, na vida privada, os artistas russos. Nada mais do que trabalhadores incansaveis, dando-se todos á sua arte, mas não tendo nenhuma pratica do mundo, de gostos muito simples pouco ambiciosos de renome. Sem duvida estavam penhorados, comovidos, gratissimos, mas era preciso perdoar-lhes: os dansarinos russos eram apenas dansarinos; se por ventura eles tinham agradado á luz da ribalta, estavam largamente compensados e pediam licença para se não mostrar á luz do dia.»

Madame Gauthier, exclama:

«Que surpresa! que exemplo! que lição!» E quem se atreverá a dizer-lhe que assim não é?!...

Paris, janeiro de 1912.

RUY DE CHAVES.



1—Sofia Federova 2— Ki-Juis-Ky 3—Miguel Pokine
4—Nijinsky

Figuras e Factos



1—O Templo da Ordem Terceira de Barcelos
2—Parte da Torre da Ordem Terceira de Barcelos depois da derrocada



A torre dos Terceiros, de Barcelos, era suntuosa, mas não primava pela solidez da construção. Pouco depois de erguida apresentou logo indícios de que não resistiria a um embate forte do tempo. E, de facto, o temporal de fevereiro

deitou-a por terra. Foram-se uns poucos de contos de réis, mas não se foi vida nenhuma o que não aconteceria se lhe estivessem a desmontar os sinos como se tencionava fazer duas horas antes.



Eduardo Nunes de Carvalho era um trabalhador inteligente e um homem de bem ás direitas. O seu nome era ão respeitado no nosso meio comercial,

como apreciadas pelos amigos as suas raras e simas qualidades.

Pertencia a uma familia distinta e estimadissima pelas suas virtudes.

Faleceu no dia 20 de fevereiro, tendo 44 anos apenas, e a sua memoria perdurará no coração dos que tanto lhe queram.



Eduardo Nunes de Carvalho, falecido em 20 de fevereiro



1—Grupo das escolas de Lourenço Marques «31 de Janeiro» acompanhados pelos srs. professores Nortes
2—A menina Amalia Norte na cançoneta «Ré Mi Fá»
3—Uma cena da peça «Patriotas e Conspiradores»

Foi de veras encantadora e educativa a recita infantil dos alunos das «Escolas 1.º de Janeiro», de Lourenço Marques.

O distinto professor, sr. Solipa Norte, revelou mais uma vez o seu fino tato de educador e teve occasião de receber novas e inequívocas provas de quanto são apreciados os seus belos serviços á instrução popular.



Uma cena da peça «A Republica na Escola»

OS PORTUGUEZES NO CONGO BELGA



O sr. Manuel d'Arriaga, filho de S. Ex.^a o Presidente da Republica, de regresso do Congo Belga, narra as suas impressões á «Ilustração Portuguesa»



O filho do presidente da Republica esteve em Boma, no Congo Belga, como delegado do governo e chegou ha dias. Desejámos ouvir da sua boca qual a situação dos portuguezes na região. E, com a maior consciencia, n'um largo espirito d'analyse, o sr. Manuel d'Arriaga, disse:

«Ha portuguezes que acham um cumulo de imodestia o dizermo-nos um povo colonizador de primeira ordem. Não é tal. Essa asserção fazem-na tambem aqueles que lá fóra praticamente experimentam as extraordinarias qualidades que possuímos e são: amor ao trabalho, audacia, resistencia fisica e uma invulgar faculdade de adaptação ao clima e aos usos de qualquer região. E' por isso que os portuguezes residentes no Congo Belga teem uma situação privilegiada; são estimados e solicitados de preferencia a quaes-

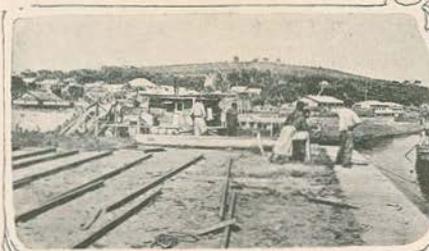
compatriotas. Ha, todavia, a ponderar uma coisa—acrescenta o delegado da Republica em Boma— nós somos suplantados em certos pontos de emigração. por exemplo, na America, porque os outros



emigrantes são mais cultos do que nós. No Congo Belga, felizmente, não. Apenas dois ou tres portuguezes são anal-fabetos. D'aí a relativa felicidade da nossa colonia.

Depois o sr. Manuel d'Arriaga narra-nos como percorreu a região, em companhia do seu colega inglez sr. M. H. G. Mackie e como constatou que se o governo mandasse limpar rigorosamente o Chiloango e seus afluentes, en-

quer outros colonos. Entre 3:400 europeus que lá residem 1:200 são belgas, 700 são portuguezes. Os restantes pertencem a varios paizes, sendo, como se vê, bem grande a percentagem dos nossos. D'esses setecentos portuguezes, oitenta e tantos estão estabelecidos, havendo casas que giram com capitães de 500 e 600 contos. De preferencia empregam



1—O sr. Manuel d'Arriaga, consul portuguez em Boma 2—Vieira de Matos, residente em Boma 3—Leopoldville: vapores dos grandes lagos 4—Cailiana 5—Tisville 6—Trasbordo de passageiros em Maceda 7—Trabalhos no porto de Leopoldville

tre os quaes o Saoli, onde é o fim do prolongamento da projetada linha ferrea belga, e construir tambem um quebra-mar em Landana que



1—Linha do caminho de ferro de Matadi

dêse garantias às lanchas de descarga, se ainda se ligasse o porto com o esteio de Chiloango, a duas milhas



2—O mercado de Boma 3—Alfandega de Rinchassa

da foz, transformaríamos o porto n'um dos melhores e teríamos a consoladora certeza de que por maior baixa nas tarifas nunca os belgas competiriam com a nossa via fluvial. Seria a salvação. Já alguma coisa se tem feito, é certo. O administrador de Chiloango, 1.º tenente Vieira de Matos, conseguiu tornar o rio mais navegável e mais amplo, mas o seu trabalho tenaz sendo isolado, não pôde ir mais longe do que já foi...

O clima é mau nas estações das



chuvas e do calor, em que o ar está carregado de electricidade, a temperatura chega a 38 graus das 11 às 15 horas. Nos primeiros dias sente-se uma extraordinária vivacidade que depois se amarga com um mal estar incompreensível. E' então que se nota a energia e a forte audacia do portuguez; chega a ser um heroismo. Com tantas qualidades não admira que o commercio do Congo Belga esteja nas nossas mãos. Só no distrito de Stanley-Pool ha 35 casas portu-
gue-



4—Rapariga de Mayumbe

zas, 11 em Boma, 4 em Matadi, 16 em Banana, 6 em Bangala, 4 em Kassai, 2 em Stanleyville, 3 no Equador. A companhia do Congo tem em Banana 7 casas e 3 em Boma.

Portugal é o terceiro exportador de vinhos para o Congo Belga, apesar das dificuldades de transportes, visto os vapores da Companhia Nacional teremas suas carreiras muito demoradas. Com carreiras directas e quinzenaes muito teremos que lucrar.

E assim terminou o filho do presidente da Republica as suas curiosas e interessantes relações acerca do Congo Belga, onde floresce tão progressiva a, já hoje tão importante, colonia portugueza.



5—Estatua da Liberdade em Leopoldville 6—A ribeira de Kalanne em Boma

O CARNÁVAL DE 1912 NO PORTO



rosa multidão e á medida que ele passava ia-se travando uma renhida batalha, em que tomavam calorosa parte os seus figurantes.

Mas se o tempo não permitiu que o Porto se divertisse mais nas ruas, os bailes deram-lhe uma larga compensação.

Decorreram excêccionalmente animados e n'elles apareceram alguns pares interessantissimos.

Nos intervalos jogava-se doidamente, e, apesar de amanhecer tarde, o dia ainda vinha encontrar toda essa gente a foliar com o mesmo ardor inquebrantavel com que começara a noite.

A laboriosa capital do norte não estava menos preparada para jogar denodamente o carnaval de que Lisboa. As chuvas, porém, foram geraes no paiz e o Porto viu tambem, com justificada magua, prejudicado o belo effeito dos seus carros e de varias mascaradas que apareceram pelas ruas nas poucas intermitencias de uma chuva desapiedada.

O cortejo de domingo organizado pelo pessoal dos Armazens do Chiado, realisado durante umas horas de sol, atraiu ás ruas da sua passagem nume-



1—A monar... quia de Santo Tirço. 2—A guarda de honra do cortejo. 3—O sr. Pancada e o seu jumento gulando os congressistas. 4—Carro onde se gerou a monar... quia—(Lichês de Carlos P. Carlos)

UMA VISITA À SERRA DA ESTRELA

NOVOS ASPETOS

Quem uma vez a visitou de lá sae com duas impressões bem vivas e distintas; a que resulta do enlevo e a de saudade... Quem uma vez a visitou só lá não volta e não volta se não pôde. Porque os encantos n'essa região são tantos e tão diversos que, embora demorada, uma visita à Serra e sempre insufficiente para d'ela nos dar uma impressão completa. Tantos são os quadros que se desenrolam ante o nosso olhar maravilhado, os aspectos, magestos uns, b'zarras outros, d'essa enorme cordilheira granítica de cumes altivos, um dos quaes, o pincaro do Cantaro-Delgado atinge 2:400 metros acima do nível do mar, rios como



o Mondego, Zezere e Alva, lagoas onde abundam as aves aquáticas, as suas minas de alabastro e cristal de rocha, chumbo, águas-marinhas, turquezas, ame-

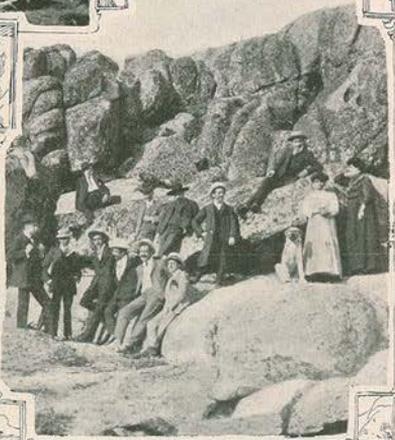


tistas, cobre... todo um conto de fadas. Desenrola-se á vista atonita um cenário sempre novo, porque ineditos são todos os multiplos aspectos da região. Aquilo não se fixa porque a atenção do turista é constantemente desviada por novos encantos nunca

1—Ponto culminante da Serra da Estrela. 2:000 metros 2—Lagoa escura 3—Uma barraca no meio da Serra 4—Doentes do sanatório da Covilhã

sentidos. Aos quadros estupendos da natureza juntam-se outros, verdadeiros trechos de bucolica, que um grande poeta escreveria: a vida d'esses serranos, pastores e zagaes, figura, singulares de eremitas ou santosromeiros, guiando o seu gado, pitorescos no falar, pitorescos no vestir, simples e bons, almas lavadas, com a candura da ignorancia no olhar, um naco de pão trigueiro no surrão e uma cantiga melancolica nos labios.

E pensarmos que tantos—até dos nossos!—desconhecem essa maravilha, nunca embeberam o olhar na contemplação de tantos e magnificos espéctaculos. Porque, infelizmente, a não ser aqueles que no afamado sanatório da Serra procuram alívio para os seus males, poucos são os



que lá vão em busca de impressões fortes que lhes elevem a alma e o espirito abatido pela vida exgotante e sempre a mesma das cidades. Ora, é preciso que lá vão nacionaes e estrangeiros a saciar a sede de inédito, de imprevisito que a todos nos calcina. Alguma coisa se deve fazer n'esse sentido e crêmos bem que se fará. E' preciso que as botas amarelas do portuguez pouco atreito a aventuras arriscadas lá ande ás topadas com as sapaterras e os paus ferrados dos alpinistas estrangeiros.



1—Uma aldeia pitoresca

3—Pequena lavadeira

2—Um grupo de excursionistas



4—Lagõa com Drida

5—Agrupamento de penedos

6—No sitio da torre



O ATOR VALE

ALGUMAS CREAÇÕES DO GRANDE ARTISTA



Vale morreu em pleno Entrudo, ele que parecia no carnaval ter nascido, mas n'um carnaval velho como o mundo, porque o Vale era mui-

to velho e porque trazendo no rosto a eterna mascara do comico lhe dava a arte que havia nos entrudos que passaram. Agora que a antiga graça portugueza faleceu, soltou um ultimo arranco, morreu o seu grande representante.

Aquele ator ao entrar pela primeira vez, aos 16 anos, no palco do teatro da rua dos Condes para representar a comedia de capa e espada *Casamento em miniatura*, achára a fôrma de resolver uma falta que outros mais afeitos, encanecidos até no mister não teriam encon-

«O que lhe vale a você é não trazer o espadim, se não furava-o.»

Estava achado o comico. Marcára-se n'aquelle dito a vocação. Não pensas-

sem mais em vestir-lhe uma capa romantica e em fazerem d'ele um namorado em cena, um apaixonado sentimental. Comico é que ele nascera, comico viveria. A paixão ideal seria na sua vida; a tragedia seria a sua lenta agonia.

Quando ele entrou no Ginasio, onde o grande Taborda marcára já uma tradição, uma linda e comediada pequenita de cabelos loiros appareceu para representar. O comico ao vê-la, sentiu que amava a serio o que não podia fingir em cena sem fazer rir. Essa pequenita devia ser tambem uma grande atriz. Era Lucinda



1 e 2—Vale na «Madrinha de Charley»
3—O ator Vale (Cliché Fernandes) 4—Vale no «Nicles»
5—Vale no «Comissario de Policia»

trado. Esqueceu-se do espadim com que devia ferir o adversario — Vale, com aquele rosto patusco fazia um pagem folião — e de repente, n'uma paragem, em vez do golpe decisivo, da caída a fundo, a *saída* d'artista consumado:

Simões. Porque contrariavam o seu amor, Vale vagueou pelo Brazil apesar de todos os conselhos de Taborda que tinha por ele uma verdadeira amizade, tão grande, tão manifesta, que começou a correr a lenda de que o comico



moço era filho do grande artista. Tanto isso constou que uma vez o rei D. Luiz o perguntou muito seriamente ao Taborda. A mãe do Vale—santa senhora—ao saber da interrogação real, exclamou:

—Oh! meu Deus! Mas o meu filho é mais bonito!...

Bonito!... Se o Vale tivesse sido bonito, nunca a sua arte receberia aagração unanime que teve. Eram o seu rosto patusco, os seus olhos, a sua mascara, emfim, que auxiliavam ou antes impunham todos os seus efeitos.

Gervasio Lobato, que aproveitára a ingenua graça portugueza para os seus trabalhos, encontrou n'ele o mais completo dos interpretes e pôde até dizer-se que uma grande parte do exito de algumas das suas comedias se deve ao artista. Quem teria feito como ele o *Comissario de Policia!* Quem se atreveu alguma vez a tentá-lo?! Não o copiava do natural; entrevia-o e caricaturava-o. O Vale foi o grande ator do exage-



1—Vale no «Sua Excelencia»
2—Vale no «Burro do sr. Alcaide»
3—Vale no «Receita dos Lacedemonios»

ro comico. Outro dos seus papéis jámais egualado foi o *Maduro do Burro do sr. Alcaide*, coisas agora olvidadas, que recordarão um dia quando se fizer a valer a historia

dos ultimos anos do teatro portuguez.

Os seus monologos acabaram por ser mais adivinhados do que propriamente recitados, o *Aldighieri Junior* e o *Manuel Carriço*, que foram suas corças de gloria, a cançoneta *Fui vêr a Gran-Duqueza*, que meia Lisboa cantarolou, tudo isso, ao cabo d'um certo tempo, diante d'um certo publico, era apenas a sua presença. O Vale aparecia com o seu traje de cena, anunciava o nome do monologo ou da cançoneta que ia representar e immediatamente ao seu primeiro abrimto de boca os espétadores desatavam a rir.

Nos ultimos anos era já o cancro pavoroso que lhe corroia a lingua que o obrigava a essa mimica, coibindo-se o mais posivel de falar. Mas o publico ignorante d'essa doenca que o ia minando, da tragedia intima do seu comico querido, ria, ria muito das suas caras, do seu gesto, da sua voz remoida, atra-





como os seus trabalhos foram sempre cheios de interesse, magníficos, assim foram sempre desditosas as suas gerências. Espirito pouco pratico—como no fim de contas todos os verdadeiros artistas—pouco dado a minucias, o comico illustre fracassou monetariamente subindo sempre em gloria. O Ginasio, que o viu nascer para a

palhada, das palavras que saíam n'um rodilhão. Que diferença entre este tempo e aquele em que fazia o *Poeta de Xabregas*, quando se pensou em reconstituir o seculo XVIII no teatro comico; que diferença da epoca em que interpretava os mais singulares personagens das comedias de Schwalbach—o sucessor de Gervasio—e das suas inimitaveis revistas?! Sobretudo n'esse frei João de Nossa Senhora, frade mariano e de boas manhas, verzejador e pregoeiro, profeta do tempo de D. João V, o ator era verdadeiramente um prodigio. Os seus conhecimentos de historia eram muito reduzidos; a personagem verídica para ele desconhecida mas, com as indicações e com a sua maravilhosa intuição, foi deveras surpreendente a criação que o artista realisou.

Um dia pensou em ser empresario e assim



arte, o viu para ela morrer. Ultimamente tivera que deixar a gerencia. A doença corroía-o. Faleceu em pleno Entrudo, quando este nos dava o espetáculo indecoroso da sua passagem, e atraz do seu feretro por essa avenida do cemiterio, entre os colegas, os amigos, os admiradores, lá ia, Lucinda Simões, atriz sagrada, mestra do teatro, aquela que fôra a pequenita dos cabelos loiros, o primeiro e talvez unico amor sincero e ideal do comico que jámais nos fará rir.

1—Um trecho do funeral no cemiterio
 2—Lucinda Simões,
 Brazão e Carlos Borges no funeral
 3—A saída da capela
 (Clichés de Benotiel)

A CANÇÃO PORTUGUEZA



1—Guerra Jaqueiro



2—Branca de Gonta



4—Correia d'Oliveira



3—Machado Correia



6—Augusto Gil



7—Cacilda de Castro



8—Afonso Lopes Vieira



9—João de Barros



10—Alfredo Guimarães



11—Israel Anahory



12—Carlos Amaro 13—Lulz Trigueiros





Até aqui só pela opereta portugueza se tentara reconstituir a beleza da canção nacional, das melopéas tristes do sul, das fortes cantigas do norte. Ia-se buscar, a toada, versos mais cuidados que os do pensar do povo que se ouviam. E era tudo.

Agora o distinto ator Alexandre de Aze-

ta conseguiu, ao cabo d'um insano trabalho, juntar um adoravel nucleo de poesias e musicas que serão cantadas no Teatro da Republica.

Magnificos são algumas d'essas obras onde os seus autoressouberram pôr un tudo quanto encontraram de tradicional na velha canção portugueza, ou-



vedo pensou em ressuscitar, sob uma fórma artistica, a canção nacional e incumbindo d'esse trabalho poetas como Junqueiro,

Augusto Gil, Correia d'Oliveira, João de Barros e outros, e distintos amadores compositores e maestros como João Arroio, Joyce, Tomaz Borba, Filipe Duarte, Del Negro e Dias Cos-

tros a mais bela e interessante originalidade.

Os maestros compozeram apropriadamente a musica para esses trechos e

d'este modo, saindo do molde da cantiga popular, apparecerá a pura e artistica e moderna canção portugueza.



1—Adelina Abranches 2—Alexandre de Azevedo 3—Palmira Bastos 4—Mauricio Bensaude
5—Almeida Cruz 6—Maestro Del Negro 7—G. Gianetti 8—João Arroio
9—Antonio Joyce 10—Luiz Filgueiras 11—Dias Costa 12—Tomaz Borba
13—Medina de Souza 14—Filipe Duarte 15—Aurora Abranches



FIGURAS E FACTOS



Eusebio Leão

— Com o advento da Republica foi nomeado governador civil de Lisboa logar que exerceu até agora em que foi escolhido para ministro de Portugal junto do Quirinal.

O corpo diplomatico portuguez conta mais um dos homens que trabalhou denodadamente para a implantação do regimen.

Foi o novo diplomata quem leu o decreto da proclamação da Republica na manhã historica de 5 de Outubro.



Manuel Lorangeira

— O autor do *A' manhã* foi sempre um rebelde.

Marcava-se essa qualidade nos seus escritos, na sua figura, nos seus discursos.

O seu ultimo livro de versos *Comigo* é um mixto de rebelião e de tristeza.

Poucos dias depois de o publicar o autor — que padecia de uma doença incurvada — suicidou-se na praia de Espinho onde procurava alivio aos seus males.



Dr. José Maria Rodrigues — Um novo trabalho do illustre professor acaba de aparecer. Intitula-se *Dois versos dos Luziadas* e é a continuação dos eruditos estudos do autor sobre a obra de Camões.



- 1—Dr. Eusebio Leão novo ministro de Portugal junto ao Quirinal
- 2—Dr. José Maria Rodrigues autor de varios e valiosos trabalhos e da obra de Camões

- 3—Dr. Manuel Lorangeira, falecido em 22 de fevereiro
- 4—O selo branco da Republica Portuguesa (Cliché de Benoliel)

José Eduardo Gomes.

— O diretor do mercado geral dos productos agricolas foi como delegado do governo a Madrid, a fim de estudar as condições em que podem ser collocados no mercado hespanhol alguns dos nossos productos hortícolas.



Ventura Terra—O illustre arquiteto que acaba de impulsionar os seus trabalhos no sentido de se fazer a rapida transformação de Lisboa, assunto que tanto tem defendido.



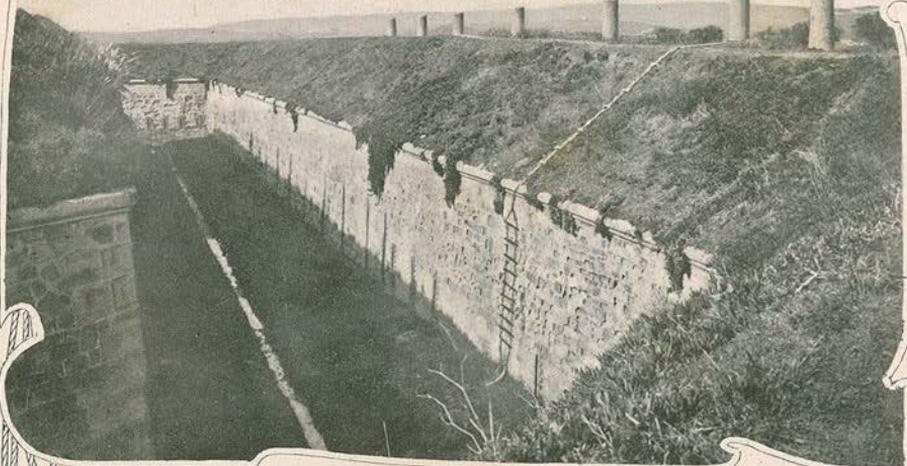
- 5—Sr. José Eduardo Gomes, diretor do Mercado Geral de Productos Agricolas
- 6—O arquiteto Ventura Terra, vereador da Camara Municipal

O selo da Republica—Acaba de ser decretado que os documentos officiaes sejam chancelados com o selo em branco cujo desenho acaba de ser publicado no *Diario do Governo*.



O FORTÉ DO ALTO DO DUQUE

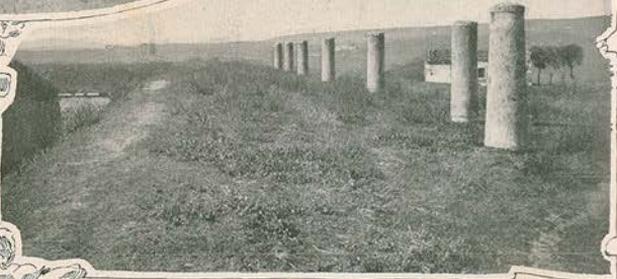
A EVASÃO DOS PRESOS POLITICOS



rivel de tempestade
—como no começo
de todas as novelas, a
sua fremitante e roman-
tica pagina com a eva-
são de doze prisonei-
ros politicos do forte
do Alto do Duque.

Pela madrugada as
sentinelas, ao alarme
que lhe deram,
encontraram um

Lisboa, durante um dia, gosou da grande sensação d'um trecho rocambolesco. A cidade adora os romances, sobretudo quando eles são vivos, intensos, sensacionaes. O romance folhetim tem sempre voga e Lisboa teve na noite de quarta feira de cinzas —uma noite ter-



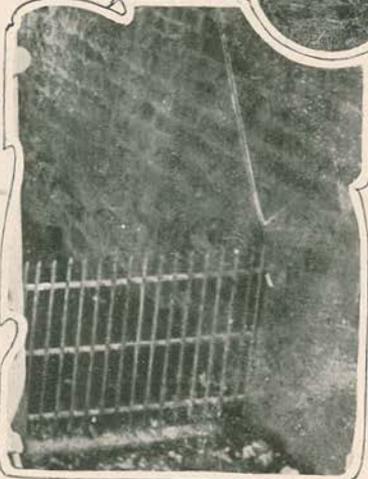
1—O local da evasão 2—A estrada por onde se presume que tenham seguido os fugitivos
3—Aspetto do local que mostra a distancia do fosso ao izarco onde a escada foi amarrada

(Clichés de Benôliet)



mento do fosso e foi atar a espia da escada ao respiradouro. Dentro em pouco, debaixo da chuva violenta, os homens desapareceram para apenas se ter d'aí a dias noticias de tres dos fugitivos. Os prisioneiros do forte do Duque que se evadiram chamam-se Manuel Marinho Guedes Rocha Valente, Alfredo Acacio Fontes, João Ferreira Carvalho, Raul Teixeira Tinoco, Manuel José Ferreira Mar-

capote na beira d'um fosso, uma escada de corda pendente da escarpa, atada a um respiradouro. Havia no forte menos doze presos; o decimo terceiro não quizera evadir-se. Correrá a denunciar os outros que já iam longe. Aquilo fôra feito com precisão e vagares desde a escada enrançada cuidadosamente, com os seus degraus formados por tarolos de pau de vassoura, até á limagem dos ferros da prisão que um habil serralheiro de nome Barros — um dos fugitivos — praticára com a maior pericia. Depois um d'eles, descalçando-se, trepou pelo empedra-



1—Casebre abandonado proximo do local onde se deu o avasão
 2—O empedrado do fosso e a sua escada
 3—O marco onde foi amarrada a corda
 4—Uma das grades que fecha os fossos
 (Cliches de Benoitte)

ques, Antonio de Moura, José e Joaquim de Barros, padre Mendes Cardoso e o sacristão Antonio Francisco da Silva. Os que se refugiaram em Cedillo (Hespanha) são o padre Mendes Cardoso e o sacristão Antonio Francisco da Silva que estavam implicados na tentativa de destruição da linha ferrea de Vila Velha de Rodam.

Foi encarregado da sindicancia ao official comandante da guarda da fortaleza o capitão Jorge Mamede, de infantaria 2, cujo relatorio já entrou nas estações officias superiores.

A guarda do Alto do Duque foi reforçada, havendo nas proximidades rondas de marinheiros que desembarcam dos navios surtos a peste da torre de Belem.

O Grão-duque de Luxemburgo.— Em 25 de fevereiro faleceu o grão-duque Guilherme do Luxemburgo, vitimado por um cancro na garganta. Durante a sua doença foi regente do paiz sua esposa, a infanta portugueza D. Maria Ana de Bragança, filha de D. Miguel I, que reinou em Portugal. A sucessora no trono do Luxemburgo é a filha mais velha dos grão-duques, Maria Adelaide, que conta 17 anos, ficando sua mãe regente. O conde de Meremberg, herdeiro varão mais proximo dos Nassau, vae disputar o trono.



1—O grão-duque de Luxemburgo falecido em 25 de fevereiro

2—Grã-duqueza de Luxemburgo D. Maria Ana, irmã de D. Miguel

A meza do Reichstag.—O Reichstag, que foi durante tanto tempo o baluarte conservador do imperio, tem hoje um forte contingente de socialistas. São 101 os membros d'este partido eleitos para o Reichstag, cuja presidencia coube ao deputado catolico Kaempf, a vice-presidencia ao socialista Scheidemann e ao liberal Dove. O socialista guindado a tão alto cargo causou um verdadeiro pasmo em toda a Alemanha, sendo a sua eleição o resultado da colisão contra a direita dos nacionalistas liberaes, radicacs e socialistas. Durante uma sessão, em virtude de se demitirem os presidente e vice-presidente primeiro eleitos, viu-se este caso sensacional: Scheidemann presidindo ao Reichstag.



Jules Leffevre.— Morreu em Paris o grande pintor da lady Godiva, que se vê no municipio de Paris e de numerosos e magnificos retratos de senhoras da mais alta sociedade franceza. Era o delicado artista do feminismo e os seus medalhões cheios de fantasia *Fiammette, Mignon, Peurierosa*, cheios d'uma graça exquisita, d'uma maneira impressionante, demonstram a delicadeza de processo do singular artista. Fez uma gloriosa carreira desde que apresentou o seu primeiro trabalho *Priamo*, que, se chamou sobre ele as atenções, foi subindo sempre em honrarias até que occupou no Instituto o fau-teuil vago pela morte de Delan-nay, em 1891.



3—A nova meza do Reichstag, os srs. Scheidmann, Dove e Kaempf, presidente
4—O pintor Julio Leffevre

A morte do conde de Aerenthal.— O conde d'Aerenthal era uma figura politica tão eminente como Bulow. Chamavam o Bismarck austriaco a esse fidalgo da Bohemia que durante muitos anos conduziu, de uma maneira calma, a politica da Austria-Hungria, sendo d'uma verdadeira maestria na forma como procedeu. A Bosnia e a Herzegovina, anexadas ultimamente ao imperio, foi o seu grande golpe e a Europa compreendeu bem as razões porque durante tantos anos o imperador lhe entregou a politica externa austriaca. O seu successor é o conde de Berchtold que foi o seu colaborador preferido e antigo ministro da Austria em S. Petersburgo.



O conde de Aerenthal ministro dos negocios estrangeiros da Austria falecido em 16 de fevereiro



Conde de Berchtold novo ministro dos negocios estrangeiros austriaco

FIGURAS E FACTOS



1—A atriz Cecília Machado, que acaba de pedir a sua reforma do teatro Nacional



2—O sr. dr. Nunes d'Oliveira, novo governador civil de Lisboa



3—D. Izabelle Carizze de Carvalho, directora do novo semanario do «Seculo-Modas e Bordados»



4—O sr. João de Freitas Branco, escritor falecido e cuja obra póstuma, a tradução do «Sol da Meia Noite», vai ser representada no teatro Nacional

5—O sr. Ivens Ferraz, que vai representar o governo no Congresso de Navegação de Filadelfia

7—A nova bandeira da China, arvorada na União Chino-franceza, de Paris (Cliché World's Graphic Press)



6—Plínio d'Almeida, o genial escritor do qual passa, em 4 de março, o primeiro anniversario da sua morte

janela está o official da Legião d'Honra, Hani San Kici, que é o secretario geral do comité republicano chinês e que teve na revolução um grandioso papel.

A nova bandeira chinesa.—Pela primeira vez flutuou na Europa, ha dias, a nova bandeira chinesa, que se arvorou na União Chino-franceza na rua Laffitte, 13, em Paris.

A bandeira republicana é em listas horisontaes encarnada, amarela, azul-marinho, branca e negra e que representa as varias racas da China. A



Quanto rende a maquina humana

Como os motores inanimados, a maquina humana transforma em trabalho e calor a energia quimica que absorve dos alimentos necessarios a sustentação da vida. Assim é que para o estabelecimento do regimen vital, o dispêndio de fluxo energetico ou ração nutritiva deve resarcir exatamente as perdas dimanantes do funcionamento do organismo. Mas não é facil valorisar a energia quimica, que só pôde ser medida em equivalencia com o numero de calorías produzidas pela combustão dos alimentos ingeridos.

A falta de unidades quimicas complica ainda mais o problema, pois tanto em repouso como em actividade o organismo humano consome energia.

No emtanto, admite-se que se o nivel energetico do individuo não varia, a diferença entre o consumo estático (repouso) e o consumo dinâmico (atividade), medida em calorías, se empregou no trabalho. A relação do trabalho com a diferença ou com o incremento do consumo chama-se rendimento científico e denota o grau de perfeição dos musculos. Este rendimento caracteriza a qualidade do trabalho humano e aquilata o maior ou menor valor dos trabalhadores.

O fisiologo Julio Amar propoz-se determinar estas circunstancias, eliminando em todo o possivel os pertinazes erros dos seus predecessores no estudo do difficil problema.

Para que os resultados obtidos tenham valor científico, requerem-se duas condições essenciaes: 1.^a, que o individuo volte exatamente, depois de certo tempo, ao estado em que se achava antes de iniciar o periodo de actividade experimental; 2.^a, que as experiencias discrepem o menos possivel do regimen livre, isto é, que o trabalho do individuo não contrarie os seus habitos nem exceda as suas forças.

O estado final difere na pratica do inicial, mas admite-se que a invariabilidade do peso, durante o periodo da experiencia, assegura a integridade dos orgãos e a perfeita saúde do individuo.

A gravura correspondente representa o dispositivo empre-



durante a experiencia, cujo termo medio é de 4 a 7 horas.

Dos resultados numericos infere Amar que as circunstancias do trabalho se reletem no consumo de energia. Os individuos fatigam-se muito ao principio, mas depois de uns tantos dias de pratica já não lhes é tão penoso o seu labor. Quando trabalham á velocidade constante que lhes convem, diminui o consumo de energia.

Amar calcula este consumo por dois processos: 1.^o, pela ração alimentar; 2.^o, pelo consumo do oxigenio.

O individuo sobre quem incidia a experiencia almoçava duas ou tres horas antes d'esta, e para medir o consumo de oxigenio respirava somente pela boca, através de uma valvula sistema Chauveau, perfeitamente adaptada mediante uma rodela de borracha collocada entre os labios e os dentes. O nariz ficava tapado por umas hastes de madeira forrada de feltro. O mecanismo da valvula permite a entrada constante do ar atmosferico e a expulsão dos gazes pulmonares, por diversos condutos.

O aparelho de dupla derivação continua permite sem incomodo do individuo nem do operador recolher os gazes pulmonares em um frasco de litro, d'onde passam por um espirometro antes de se perderem na atmosfera. Por outro lado, um pneumografato sistema Laulanic, ligado a um registador Marey, anota o numero de respirações por minuto para comprovar a volta do individuo ao estado de repouso.

Por meio de um aparelho Leclerc-Bonnier, sistema aperfeiçoado, anali-



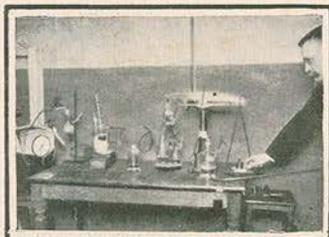
- 1—Vista do aparelho empregado pelo professor Amar
- 2—Delimitação do esforço empregado no andar
- 3—Recolhimento dos gazes produzidos pela respiração do individuo
- 4—Medição do esforço empregado n'uma subida

sam-se os gazes pulmonares recolhidos no frasco para averiguar a proporção de oxigenio e acido carbonico expulsados, ou seja o quociente respiratorio $\frac{C.O_2}{O_2}$

Por outra parte, o espirometro denuncia a quantidade total de gazes respiratorios.

Vejamos agora como Amar esco





1—Avaliação, minuto a minuto, do anidrido carbonico eliminado por uma cobaia durante uma experiencia

lhes e coloca os individuos sujeitos á experiencia nas condições requeridas. São homens de 20 a 40 anos e preferentemente jornalheiros, pedreiros, moços de fretes. Depois de se informar do genero de vida d'elles, não lhes altera o regimen alimentar, prescrevendo-lhes no entanto as rações para que durante cinco dias, pelo menos, o peso não varie.

Prescindindo dos pormenores tecnicos que justificam cientificamente os resultados obtidos de 145 experiencias em 90 individuos, diremos que, segundo Amar, o rendimento da maquina humana é de 32,5 %, conquanto desça a 24,5 na pratica industrial, pois é preciso ter em conta o consumo durante o repouso. Rendimento muito menor dão os motores tecnicos, incluindo os gastos de exploração.

Sem embargo, este rendimento não é constante em todos os individuos e varia segundo a ração nutritiva. Se a alimentação é sufficiente, as albuminas renovam o tecido muscular; mas se a intensidade do trabalho as consome em forma de combustível, diminue o peso do corpo. Uma vez estabelecido no organismo o equilibrio nitrogenico, o excesso de albumina determina a hipertrofia do sistema muscular. Em resumo, inferimos praticamente que para a devida sustentação da maquina humana convem ter em conta que as substancias gordas e sacaroides são o combustível mais conveniente para o trabalho. Relativamente ás bebidas estimulantes, como o café, o chá, vinhos e licores, são inconvenientes porque não só não alimentam como cerciam o dispêndio energetico.

Notam-se algumas anomalias no funcionamento do motor humano. Em primeiro logar, desde a ingestão dos alimentos e a respiração do oxigenio até o limite extremo da sua transformação, não se estabelece o ciclo de Carnot nem são reversíveis os fenomenos que occorrem.

De outras experiencias do mesmo physiologo resulta que a inspiração do oxigenio não é invariavelmente proporcionada á expiração de acido carbonico, senão que este aumenta com a maior regu-

laridade que o primeiro e o quociente respiratorio $\frac{C.O_2}{O_2}$ diminue bruscamente ao começar o trabalho. Ao passar do repouso á atividade, o motor humano provê-se momentaneamente de oxigenio em quantidade superior ao seu verdadeiro consumo, pelo que a postura em ação dos nossos musculos não se efetua como a dos orgãos de uma maquina ordinaria.

Por outra parte, depois de certo trabalho, o consumo do organismo não se restitue repentinamente, senão por graus, ao seu valor estático inicial. Chega ao maximo no instante de terminar-se o trabalho, se este não vae além de meia hora.

Amar deduziu a lei de diminuição do consumo, medindo de dois em dois minutos o valor do excesso entre o consumo e o repouso. Também calculou a velocidade d'essa diminuição, supondo-a uniforme em um periodo de dois minutos. Assim deduz Amar que, em geral, o excesso de consumo decresce mais rapidamente que a velocidade do repouso, ao passo que a lei de Newton relativa ao esfriamento expressa precisamente o contrario. Esta progressão diferencia-se da progressão de velocidade tanto mais quanto menor seja o trabalho inicial, isto é, quando a oxidação seja menos intensa no momento do maximo. Amar comprovou estas leis em operarios que subiam por uma colina artificial, ou que caminhavam carregados com fardos, como se vê nas gravuras que acompanham este artigo. Por outro lado, o trabalho muito rapido influe mais persistente e onerosamente no consumo.

Vemos, portanto, na maquina humana uma especie de coeficiente individual.

O excesso do gasto que sobrevem depois do trabalho dissipa-se relacionada com diversas quantidades variaveis, que é preciso estudar em cada caso.

Em resumo, deixando aos futuros physiologos o cuidado de repetir as observações que hão de dar consistencia científica ao esboço energetico esboçado por estes primeiros trabalhos de Amar, pôde-se afirmar desde já que se a maquina humana é o motor mais deficiente quanto á potencia, é em compensação a mais valiosa ferramenta pelo que diz respeito á duração do trabalho.

2—Marcha em passo ordinario com um peso ás costas



3—Aparelho para analisar os gases exalados por um individuo sujeito á experiencia



4—Deleminação do trabalho mecanico efetuado durante a marcha com o peso ás costas

A Exposição d'aguarela do sr João Cabral

O pintor João Cabral acaba de expôr as suas mais recentes obras, que são trechos de paisagens, marinhas, onde passam barcos de velas triangulares, cantos da terra portugueza tra-

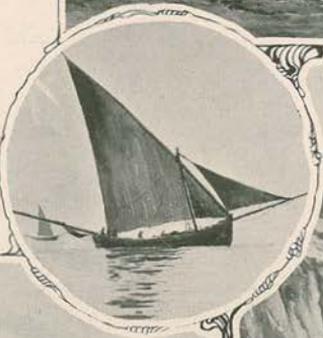


- 1—O pintor João Cabral
- 2—A ponte da Carvoeira
- 3—Travessia do Mondego
- 4—Lavadeiras do Mondego
- 5—Caima 6—Costa das Furnas
- 7—Furnas
(Glicês de Henolle)

tados com um certo relevo e com fidelidade.

De ha muito que o artista, solicitado por outros afazeres, se retrairá, reaparecendo agora com essas telas onde soube reproduzir o que tentou o seu pincel nas suas excursões pelo paiz e ilhas.

N'alguns d'esses quadros atentos estudos estão realizados, demonstrando bem as tendencias do artista.



·O·LOGAR·DESTINADO·Á·NOVA·CADEIA·CENTRAL·



1—O local na quinta das Salezias, em Belem, onde vai ser construída a nova cadeia central
 2—O ministro da Justiça a caminho do local onde se vai construir a nova prisão
 Clichés de Benoliel

O Limoeiro é um monturo. Palácio velhíssimo, cheio de remendos, vai-se esfalando aos poucos. A higiene ali é um mito; tudo aquilo tem um aspeto sujo e lobrengo. No intuito de fazer uma nova cadeia modelo o



3—As crianças das Casas de Trabalho que o ministro visitou
 4—O ministro da Justiça com o sr. capitão Franca, diretor das cadeias, dr. Aurelio da Costa Ferreira, provedor da assistência publica, e dr. Eurico de Seabra na quinta das Salezias

ministro da justiça visitou varios locais que lhe indicaram, assentando-se que a nova prisão central será na cerca do antigo convento das Salezias em Belem, n'um magnifico local